

Oferta elevada derruba os preços

EUA, Brasil e Argentina vão bater recorde de produção

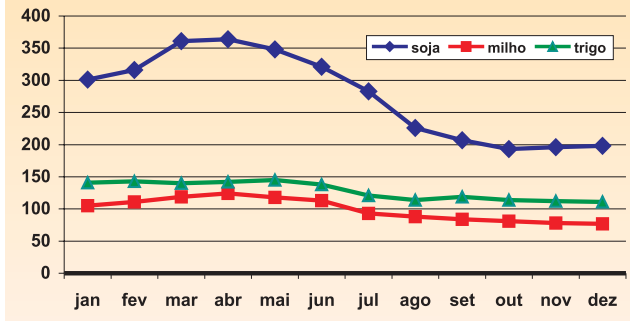
O relatório de fevereiro divulgado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) confirma a previsão de produção recorde de cereais e oleaginosas no mundo, para a safra 2004/05. As generosas colheitas de milho, soja e trigo explicam o aumento na oferta e o enfraquecimento de seus preços no mercado internacional.

Os três principais produtores mundiais do grão, pela ordem, EUA, Brasil e Argentina, deverão colher os maiores volumes já registrados. Na soja, a produção americana está estimada em 85,5 milhões de toneladas, enquanto a do Brasil e da Argentina, respectivamente, em 63 e 39 milhões de toneladas. Os estoques de passagem nos EUA deverão quadruplicar. O preço do bushell da soja em grãos está projetado para operar a de 480 a 540 centavos de dólar, depois de passar de um dólar, no primeiro semestre do ano passado. Já o consumo de farelo tende a cair, pois com o aumento da incidência da gripe aviária, na Ásia, milhões de frangos foram sacrificados.

Milho

Quanto ao milho, o relatório não trouxe grandes surpresas. O USDA prevê uma enorme colheita, de 299,9 milhões de toneladas nos EUA, em 2004/05. Isso significa uma duplicação dos es-

Preços Agrícolas Internacionais : 2004
Bolsa de Chicago (US$ por t)



Fonte: USDA

Conversão da tonelada

Cultura	Unidade	Fator
Trigo e soja	Bushells	0,027216
Arroz	Libra-pesos	0,045359
Milho e sorgo	Bushells	0,025401
Centeio	Bushells	0,021772
Cevada	Bushells	0,014515
Açúcar	Toneladas curtas	0,907185
Algodão	Fardo de 480 libras	0,217720

1 hectare = 2,4710 acres
1 quilo = 2,20462 libras

Fonte: USDA

Mundo: produção e estoque de grãos (milhões de toneladas)

Item	Produção			Estoque		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
Total (1+2+3)	1.817,2	1.852,1	2.020,8	443,6	349,1	382,2
Trigo (1)	566,9	552,8	622,2	167,6	131,0	145,5
Grãos forrageiros (2)	872,4	910,0	996,5	165,7	132,3	160,0
Arroz (3)	377,9	389,3	402,1	110,3	85,8	76,7
Milho	601,5	621,9	701,8	122,6	97,7	114,9
Algodão	48,9	38,2	35,5	38,2	35,5	46,7
Grão de soja	197,1	189,8	228,6	40,6	38,9	61,3
Farelo de soja	129,9	129,4	138,9	3,8	4,7	3,8
Óleo de soja	30,3	30,0	32,2	1,9	1,5	1,6

Fonte : USDA. Fevereiro de 2005
Grãos forrageiros = aveia, centeio, cevada, milho, sorgo
Algodão = fardo de 480 libras

Estados Unidos: produção e estoque de grãos (milhões de t)

Item	Produção			Estoque		
	2002/03	2003/04	2004/05	2002/03	2003/04	2004/05
Total (1+2+3)	293,9	343,3	385,4	45,1	44,5	72,6
Trigo (1)	43,7	63,8	58,7	13,4	14,9	15,2
Grãos forrageiros (2)	243,7	273,1	319,4	30,9	28,8	56,1
Arroz (3)	6,5	6,4	7,3	0,8	0,8	1,3
Milho	227,8	256,3	299,9	27,6	24,3	51,0
Algodão	17,2	18,3	23,0	5,4	3,5	7,3
Grão de soja	75,0	66,8	85,5	48,4	30,5	119,7
Farelo de soja	36,6	35,1	37,7	0,2	0,3	0,3
Óleo de soja	9,2	9,7	9,4	0,9	0,8	0,9

Grãos forrageiros = aveia, centeio, cevada, milho, sorgo
Algodão = fardo de 480 libras
Fonte : USDA. Fevereiro de 2005

toques nos EUA. A expectativa de uma redução na previsão americana por conta das chuvas no Meio-Oeste não se confirmou. Já em âmbito mundial, os estoques subirão menos, mas vão ficar abaixo dos de anos anteriores. A fraqueza dos preços, de 90 a 95 dólares por tonelada, na Bolsa de Chicago, reflete muito mais a situação de excedente do mercado norte-americano.

Trigo

A produção será recorde, impulsionada pelas excelentes safras na Rússia, Sérvia e Montenegro. Apesar da menor colheita nos EUA, os estoques não mostram queda significativa. A Bolsa de Chicago opera com preços ao redor de 150 dólares a tonelada. A decisão da comissão européia de manter o subsídio à exportação em 4 euros por tonelada ajudou a sustentar as cotações. ■

Briga de gigante na soja

Em algum momento, deveria recrudescer o movimento de abertura de um painel (comitê de arbitragem) na Organização Mundial do Comércio (OMC) contra os subsídios concedidos pelo governo americano à produção da soja. Em 2002, o processo foi abortado devido à reação dos preços no mercado internacional, que permitiu uma redução nos subsídios internos praticados pelos Estados Unidos.

Agora, pressionada pela superoferta mundial e pela apreciação do real em relação ao dólar, a cadeia produtiva da oleaginosa no Brasil voltará 'à carga', diante das cotações em baixa e da iminente "volta" dos subsídios nos EUA. O processo na OMC deverá custar US$2,5 milhões.

A Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA) começou a atualizar os estudos econométricos para sustentar os argumentos principais do desejado painel: sem os fartos subsídios, os produtores americanos plantariam menos soja, o Brasil avançaria em novos mercados e as cotações subiriam. O cenário é de que os subsídios aumentarão até a reforma da atual Lei Agrícola dos EUA, que vai expirar em 2007.

Estudo de Salazar Brandão e Elcion Caiado, da Universidade Estadual do Rio (UERJ), mostra que, de 1998 a 2004, o Brasil poderia ter elevado em até US$4 bilhões suas exportações, sem os subsídios dos EUA. Isso significaria agregar US$362 milhões aos US$10,2 bilhões embarcados em soja, em 2004.

A ação na OMC visa mostrar a falta de renda dos produtores norte-americanos para cobrir custos. No Brasil, se produz a saca de soja, em média, por US$8 a US$9, contra US$11 e US$12 nos EUA, onde o preço mínimo equivale (USDA) a US$11,6 a saca.

A argumentação brasileira contra os EUA será centrada no descumprimento do Acordo de Subsídios e Medidas Compensatórias da OMC em relação às chamadas medidas de apoio interno. Um dos alvos é o mecanismo de financiamento à comercialização em condições preferenciais, o chamado marketing loan benefits. Por esse sistema, o produtor embolsa uma ajuda do governo com a diferença entre o preço mínimo e o de mercado, para esperar o melhor momento para a realizar a venda. Para enfrentar essa 'briga', uma exigência é certa: a de se realizar um estudo competente e detalhista, com um caso concreto.

Queda na renda

A situação do país vizinho é muito próxima da brasileira, quando se trata do efeito da baixa geral nas principais commodities de grãos, nas bolsas internacionais. Desde a crise econômica desencadeada em 2001, o campo tem sido um verdadeiro oásis de tranqüilidade, com crescimento sucessivo nos últimos três anos. Agora, os bons resultados de renda deverão sofrer interrupção.

Com a virada ocorrida no cenário mundial, as lideranças locais do agribusiness partem em busca do diálogo com o governo, principalmente no tocante à cobrança do imposto de exportação entre 20,0% e 23,5%, incidente sobra a comercialização de soja, milho, trigo e girassol. A taxação foi imposta durante o período de desvalorização abrupta do peso frente ao dólar, quando as cotações externas estavam favoráveis. Agora, a realidade é outra.

Responsável por uma arrecadação em torno de US$2 bilhões em 2004, poucos apostam que o governo abra mão dessa fatia tão importante para o

EUA: subsíd

Bush tenta tirar US$ 587 milhões do Farm Bill para tapar buraco no orçamento

No último 7 de fevereiro, a administração de George W. Bush levou ao Congresso dos Estados Unidos, uma proposta de corte de 3% , ou seja, de US$ 5,74 bilhões, na peça orçamentária nos próximos dez anos, atualmente, de US$ 19,64 bilhões. Outras medidas também completa o documento.

Embora o esforço da Casa Branca seja de tapar o enorme buraco orçamentário do país, a proposta poderia sinalizar a disposição do governo de restringir os programas de subsídios agrícolas, para fechar um acordo global na Organização Mundial do Comércio (OMC) na rodada de Doha.

Mudanças na Farm Bill

- Baixa no teto dos pagamentos para cada agricultor de US$ 360 mil US$ 250 mil
- Redução de 5% nos support payments (pagamentos de preços mínimos)
- Evitar a multiplicação do pagamento dos subsídios

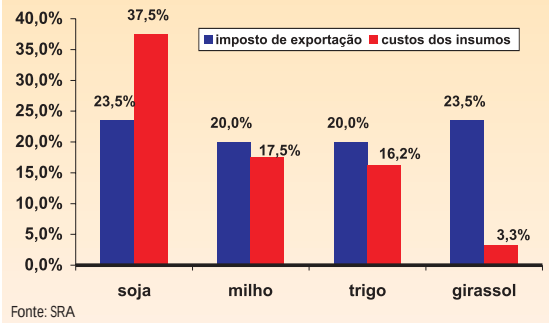
Porém, na prática, os subsídios crescem para US$ 24 bilhões em 2005 e US$ 19,8 bilhões em 2006. Pelo fato de serem contracíclicos, os subsídios aumentam à medida que os preços caem e os agricultores necessitam de mais recursos para sustentar deter-

do campo afetará economia da Argentina

equilíbrio de seu orçamento. Com a eliminação do instrumento, haveria também a perda de um fator de inibição dos preços internos dos cereais e rações, com impacto no custo de vida.

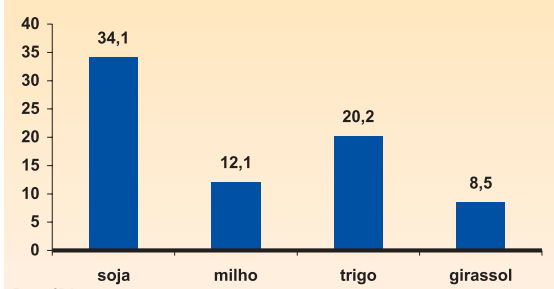
Diante de uma participação de 60% nas terras cultivadas, os agricultores mais penalizados são arrendatários. O alto valor pago para remunerar a área plantada, somado à queda da rentabilidade, representam prejuízo na certa: será um desestímulo para a próxima safra. Outro ponto negativo é a pressão de custo advinda do reajuste de preços na aquisição de insumos e máquinas. A relação de troca ficou bastante desfavorável para o produtor.

Argentina: rentabilidade comprometida na safra 2004/05



Fonte: SRA

Argentina: previsão da safra 2004/05 (milhões de t)



Fonte: SRA

Com a recuperação do status de País livre de aftosa com vacinação, a pecuária poderia compensar a baixa na receita de divisas, com mais exportação, diante da melhoria dos preços externos. Os embarques poderiam dobrar o volume atual de 500 mil toneladas. Para isso, é necessário crédito a taxas baixas para estimular a recomposição do rebanho. O avanço da soja, nos últimos anos, sobre áreas de pastagens fez muitos criadores abandonarem a atividade. Em relação à mudança para cultivares anuais, um retorno à criação leva mais tempo e é mais oneroso. ■

ios crescem

EUA: gastos com subsídios - US$ bilhões

Ano	Algodão	Soja
2004	1.400	610
2005	2.300	1.500
2006	7.500	3.250

Fonte: USDA

minada remuneração.

Pelo orçamento da Farm Bill, no horizonte de 2004 e 2007, será distribuído US$ 104 bilhões, e entre 2008 e 2011, US$ 40 bilhões. Em 2000, no início da discussão da Lei Agrícola de 2002, os EUA tinham superávit. Os gastos com subsídios passaram de US$ 100 bilhões para US$ 196 bilhões.

As discussões sobre o orçamento agrícola será acalorada no Congresso americano. Há muita controvérsia no país na questão de cortar os subsídios pagos aos grandes produtores. A corrente mais crítica alega que o mecanismo dos subsídios, de pagar em função da tonelada produzida, beneficia grandes e ricos fazendeiros.

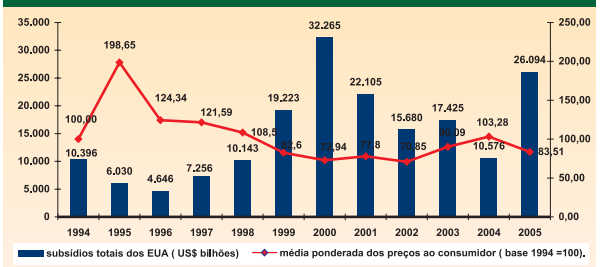
Segundo estudo realizado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), em 2003, a parcela de 6% dos maiores produtores receberam 30% dos pagamentos federais no exercício de 2001. O Environmental Working Group, uma entidade de Washington critica dos subsídios, calcula que 10% dos produtores receberam 72% do total de pagamentos realizados pelo governo federal entre 1995 e 2003. Esses números incluem assistência para desastres e conservação ambiental.

Uma redução de 30% nos subsídios seria mais sentida pelos produtores dos estados do Sul e da Califórnia, onde os produtores de algodão e arroz abocanham historicamente a grande parcela das subvenções pagas pelo governo federal. Os fazendeiros do Meio-Oeste seriam menos afetados pois recebem menos do teto proposto pelo governo.

Em 2002, durante os debates para a Farm Bill, o Senado tentou impor um limite de pagamento por produtor de US$ 275 mil, mas tal esforço foi minado na Câmara pelos deputados dos estados do Sul. Na verdade, o Congresso americano tem tradicionalmente dificuldade de cortar o orçamento agrícola, que em 2003 chegou a US$ 16,4 bilhões.

A poderosa Associação Nacional de Produtores de Milho teme que a redução leve os cotonicultores a plantar milho, com queda dos preços internacionais. Os produtores de algodão são os principais beneficiados pelo programa básico de ajuda governamental para estabilidade dos preços aos produtores. Para o Conselho Nacional do Algodão, o risco na mudança de culturas ocorre já no próximo plantio. ■

EUA: subsídios na Farm Bill



Fonte: USDA. Elaboração : ICONE

Reação dos produtores

A orizicultura e a cotonicultura da Califória reagem prontamente a favor da manutenção dos subsídios. A primeira ocupa cerca 243 mil hectares, principalmente no Vale do São Joaquim, enquanto a segunda é plantada em 242 mil hectares. Juntas faturam US$ 27 bilhões por ano e são bem orientadas para exportação, notadamente para o continente asiático.

Pela análise do Environmental Working Group, as duas culturas são contempladas com mais de US$ 500 milhões por ano em subsídios agrícolas, como pagamento de garantia de preços mínimos, correspondente a cerca de 75% do total pago no estado, de US$ 757 milhões, 2003: vão para a Califórnia 17% e 11% dos subsídios federais pagos, respectivamente, para o arroz e algodão .

A Comissão do Arroz da Califórnia já contratou uma empresa de lobby de Washington, para defender os interesses do setor contra possíveis reduções na próxima Farm Bill a ser editada em 2007.

Já o Conselho Nacional do Algodão, cuja sede é em Memphis, e a Federação Americana do Arroz, em Virgínia, junto com os congressistas com base no setor agrícola nos Estados do sul do país, se articulam para a luta no Congresso a favor dos subsídios.